

## **RELATO DE EXPERIÊNCIA: OS OBSTÁCULOS DOS ALUNOS NA ESCRITA INGLESA NO ENSINO SUPERIOR**

SANTOS, Roberto Sandro de Melo  
Graduando em Língua Inglesa – UEPB  
[robertosandrom@hotmail.com](mailto:robertosandrom@hotmail.com)

ANTERO, Kátia Farias.  
Mestranda em Ciências da Educação e Multidisciplinaridade – FURNE/FACNORTE  
[professorakatiaantero@hotmail.com](mailto:professorakatiaantero@hotmail.com)

**RESUMO:** Há muito tempo os estudantes que fazem o vestibular (ENEM) para o curso de Língua Inglesa acreditam que ao ingressar na universidade aprenderão essa língua. Esse trabalho apresenta como objetivo relatar uma experiência vivenciada por pelo autor dessa pesquisa a respeito das dificuldades que os alunos enfrentam ao ingressarem no curso de inglês a nível superior quanto à escrita (writing) e fala (speak) durante o decorrer das aulas e desenvolvimento de atividades. Ao ingressar no ensino superior o aprendiz encontra inúmeras dificuldades por abarcar uma gama de outras disciplinas onde a leitura e escrita faz-se necessário no contexto acadêmico. Esses embaraços mostram-se presentes quando os docentes solicitam para que os educandos participem da aula na oralidade e na escrita. Educadores têm se deparado, quanto a esses contratempos encontrados na maioria dos estudantes. E mesmo enfrentando essa realidade, tais profissionais são impedidos de prestarem auxílio maior individualmente, pois precisam cumprir com um currículo recheado de conteúdos com cargas horárias limitadas. Esse relato surgiu de observações realizadas no curso de Língua Inglesa da UEPB em específico uma turma do período matutino. Foram utilizadas como metodologia a leitura de diversos referenciais teóricos, observações e conversas informais com os graduandos. Realizamos aprofundamento nas contribuições dos seguintes estudiosos: Paiva (2009), Chomsky (1981), Menezes (2008) dentre outros. Essa investigação revelou a necessidade que os futuros graduandos devem ter quanto aos conhecimentos pertinentes ou prévios sobre língua inglesa antes de ingressarem no curso. Esperamos contribuir com esse trabalho para todo aquele que se encontra interessado.

Palavras-Chave: Língua Inglesa. Fala /escrita. Metodologia.

**SUMMARY:** Long time students who do vestibular (ESMS) for the course of English language believe to enter university will learn that language. This paper presents the objective report an experience by the author of this research about the difficulties that students face when entering the English course at a higher level as the writing (writing) and speech (speak) during the course of the lessons of experience and development activities. To enter higher education the learner encounters numerous difficulties encompass a range of other subjects where reading and writing is necessary in the academic context. These embarrassments show were present when the teachers ask the students to participate in class oral and written. Educators have faced, as these mishaps found in most students. And even facing this reality, such professionals are prevented from providing greater individual aid, because they need to comply with a stuffed curriculum content with limited workloads. This report arose from observations made in the course of English Language UEPB in particular a class of the morning. Reading various theoretical frameworks, observations and informal conversations with undergraduates were used as a methodology. We conducted deepening the contributions

of the following scholars: Paiva (2009), Chomsky (1981), Menezes (2008) among others. This research revealed the need that future graduates must have regard to relevant prior knowledge or English before enrolling in the course. We hope to contribute to that work for whoever is interested.

Keywords: English Language. Speech / writing. Methodology.

## INTRODUÇÃO

Muitos estudantes brasileiros enfrentam inúmeras dificuldades na aquisição de outra língua, em especial o inglês. Isso inclui todas as faixas etárias. Atualmente o inglês ainda é a segunda língua mais falada no mundo. Uma questão de fato, é que para isso o aprendiz deve ter uma boa preparação no ensino médio e fundamental, porém, os educadores devido à excessiva carga horária de trabalho, deslocamento até a escola e baixos salários, contribuem no “*déficit*” do aprendizado das disciplinas convencionais e em especial, os de língua inglesa. E isso se torna um grande problema.

Alguns profissionais usam os métodos tradicionais, escrevendo no quadro a gramáticas e o vocabulário. Conforme Paiva (2009), oportunidades de aprendizagem em contextos reais de uso da língua inglesa – tais como: ouvir música, assistir filmes, ler revistas e jornais, interagir com estrangeiros, entre outras coisas – estimulam a autonomia do aprendiz. Além disso, permitindo a participação efetiva do aluno nas decisões envolvidas no processo de aprendizagem, o professor não somente ensina a língua, como também o educa para que participe democrática e colaborativamente na sociedade. Ou seja, fazer comparações com a língua materna e preparava uma lista de palavras com a tradução, outros usam fotografias, ilustrações vídeos e recortes de revistas e jornais para facilitar no aprendizado.

Segundo Vivian Cristina Rio, linguista e consultora do Centro de Pesquisa, Desenvolvimento e Educação Continuada (CPDEC) “a segunda língua, ou língua estrangeira, mais popular, não há idioma mais falado que o inglês. E se engana quem pensa que ele está perdendo a força para o espanhol”. Porém o espanhol entre os estudantes seria a língua mais fácil de assimilar por ter uma semelhança como a língua portuguesa.

Esse trabalho se insere em todos os conhecimentos aprofundados no que está referente a práticas de leitura abrangendo perspectivas e possibilidades, pois é de interessante abrangente que os alunos busquem suprir suas necessidades oral e escrita, principalmente quando já inseridas em um curso de língua inglesa.

## **2.0 FALA / ESCRITA E O PAPEL DO PROFESSOR NO CURSO SUPERIOR DE LÍNGUA INGLESA.**

Foi a partir dos 70 que a história do ensino de língua inglesa foi dominada pela idéia da comunicação, a qual desconstruiu a aceitação dos métodos vigentes (BROWN, 1994; 2000). Os professores se utilizam de vários métodos para facilitar o entendimento do aprendiz na conquista dessa língua, dentre eles: Estratégia de memória, estratégias cognitivas, estratégias de compensação, estratégias metacognitivas, estratégias afetivas, assim, os aprendizes ainda sim, encontram obstáculos principalmente na escrita e na fala.

[...] dizemos que uma criança aprende uma segunda língua, e não que a linguagem se desenvolve ou amadurece. Mas, nunca dizemos que o em embrião ou criança aprendem a ter braços em vez de asas, ou um aparelho visual determinado, ou órgãos sexuais maduros – esse último exemplo representa um desenvolvimento que consideramos geneticamente determinado no que tem de essencial, muito embora só ocorra bem depois do nascimento. (Chomsky, 1981:177)

Nesse sentido, se tivéssemos contato com a língua inglesa (LE) a partir dos 10 anos de idade, talvez, não enfrentássemos tantas dificuldades no futuro. A autora argumenta que, embora os documentos complementares à LDB 9394, de 1996, – Parâmetros Curriculares do Ensino Fundamental para as Línguas Estrangeiras (PCNLE), Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (PCNEM) e Orientações Curriculares para o Ensino Médio (OCEM) –,

Catalisem as tendências de ruptura com o paradigma tradicional de ensino de língua, apontado, por muitos, como o principal responsável pelo fracasso do ensino de LE, não há sinais de que eles possam vingar e produzir bons frutos. [...]. Além das críticas advindas dos pares por divergência de ponto de vista em relação a finalidades, competências, teorias e métodos, [...] os documentos também são desacreditados por aqueles a quem se destinam professores do ensino fundamental e médio, mediante o argumento de serem herméticos, além de impositivos – “de cima pra baixo” –, não espelhando os anseios e a realidade da comunidade escolar. (p. 34)

Tendo a perspectiva que aprender inglês na universidade é fácil, muitos alunos passam a enfrentar uma verdadeira batalha consigo mesmo para vencer os obstáculos que surgem no decorrer do curso. Passar a adotar uma segunda língua como falante na prática cotidiana não é nada fácil. Principalmente se há pouco conhecimento a respeito do inglês que possa subsidiar os novos estudos.

Na sala de aula os alunos na prática a fim de desenvolver habilidades de fala e escrita. Ao falar, o aluno se ouve e passa a ter mais facilidade de memorização. A fala é

demasiadamente importante para que os indivíduos se comuniquem. Vejamos as contribuições de Lindsay, Knight e Paul (2006 p. 57-68):

Falamos por muitas razões para ser sociável, porque você quer alguém, para expressar nossos sentimentos ou opinião sobre algo, para trocar informações, para se referir a uma ação ou evento no passado, presente ou futuro, a possibilidade de algo acontecendo, e assim por diante. Porque falamos em muitas situações diferentes tipos, por exemplo: falar alguém cara a cara, com alguém ao telefone, um aluno respondendo a uma pergunta em sala de aula, quando alguém faz um discurso, fazendo parte de uma reunião, uma troca entre um cliente e assistente em uma loja, pedir a um estranho informações e conversar com amigos.

Mas é notório o papel singular que o professor deve apresentar de modo que possa auxiliar os alunos que apresentem dificuldades no desenvolvimento do curso. Segundo Larsen-Freeman (2000), o problema do ensino de línguas está no reconhecimento de que há uma relação de dependência entre a língua e a comunicação, pois de acordo como os princípios forem utilizados e interpretados durante as aulas, renderá de igual modo quanto a participação dos alunos.

Explicando Para Andrewes (2006), na sala de aula, o professor tem o importante papel de promover auxílio aos seus alunos estimulando habilidades cognitivas, tais como: Levantando hipóteses, estimulando a oralidade fazendo um levantamento de comparações quanto ao uso de palavras da língua materna que podem auxiliar na compreensão da nova língua explorada que ajudarão a decodificar, facilitando a compreensão. Assim, os professores promovem a quebra do tradicional facilitando ensino-aprendizagem dos alunos.

## **METODOLOGIA**

Minha vivência começa após minha formatura de segundo grau em contabilidade na Escola Estadual Pedro Augusto – Recife- PE, sempre sentir a necessidade de ingressar no ensino superior, fiz um cursinho de inglês, como era chamado na época, hoje é curso de idiomas, tive que ir trabalhar logo cedo, porém fiquei sem praticar o inglês. Há 20 anos, parei com os estudos, de fato, sempre admirei quem sabia ler e escrever em inglês. Participei da seleção do ENEM (Ensino Nacional de Ensino Médio) e conseguir a tão sonhada realidade do ensino superior. Hoje estudo na UEPB – Universidade Estadual da Paraíba. Foi então, que comecei a sentir as dificuldades na aquisição da língua inglês, por que então foi à habilidade na língua inglesa que escolhi como língua estrangeira.

Assim como muitos estudantes que saíra da escola de ensino fundamental, ficamos sabendo que no ensino superior não aprenderíamos inglês. Os professores trataram de imediato explicar que nós deveríamos ter uma base mais sólida.

Observando alguns outros alunos na minha sala que enfrentavam as mesmas dificuldades, percebi, que o nervosismo e a ansiedade dentre alguns graduandos, atrapalhavam concentração. Esses sentimentos só se faziam presente somente nas aulas de inglês, porém, mesmo assim, não desistiam de continuar estudando.

Os narradores expõem livremente suas memórias e emoções fornecendo explicações próprias sobre como aprendem ou aprenderam uma segunda língua. Esses relatos nos permitem compreender certos aspectos da aquisição (ex: medo, ansiedade, influência familiar, etc.) que não seriam facilmente captados através de outras ferramentas de pesquisa (MENEZES, 2008, p. 201).

Ao longo do tempo, observei que turma foi diminuindo. Éramos 43 no primeiro período, atualmente somos 14 graduando no quarto período. Alguns estudantes confessaram-me que muito do que os professores falavam, ou que escrevia não entendiam. Uma questão de fato é que não fomos bem preparados no ensino fundamental e no médio, por que alguns professores que não são habilitados para o ensino de língua inglês. Muitas escolas utilizam os profissionais formados em disciplina específicas português, geografia, história, e etc., são usados de maneira errônea para ministrar em outras áreas inclusive a língua inglesa.

Os professores procuram aplicar os métodos de ensino para que os alunos que sentem mais dificuldades possam prosseguir os demais. As atividades inseridas em sala de aula (writing), a gramática e a interpretação oral (speak) deixava longe o sonho de continuar.

Em minha sala, poucos graduando tinham ou ainda fazem curso de idioma, mas, sua maioria assim como eu, sentia-se deslocado do restante da turma. Tais informações são fortemente reforçadas pelos estudiosos:

Eu defino CLT como um conjunto diversificado de princípios que, essencialmente, enfatizar o engajamento de alunos na comunicação autêntica, significativa e afilente, geralmente por meio de atividades baseadas em tarefas que procuram maximizar as oportunidades para a interpretação, expressão e negociação de significado em contextos integrados competências linguísticas; e que facilitar a aprendizagem indutiva ou descoberta do regras gramaticais, pragmáticos, sociolinguísticos, estratégicos e discursivos da linguagem com o objetivo final de desenvolver a competência comunicativa. Dada a diversidade destes princípios, CLT geralmente suporta uma ampla variedade de procedimentos de sala de aula (Richards & Rodgers, 2001; Savignon, 2001. s.p).

A competência comunicativa entre os aprendizes de língua inglesa e a mediação do professor é necessária para que as experiências de interação professor-aluno esteja em sintonia como também a atmosfera que envolve o ambiente de ensino. Onde ao longo do processo o aluno possa relacionar os pontos positivos e negativos que pertinentes ser destacados ao longo do processo de aquisição da língua.

Por essa razão, sabemos também que o sistema brasileiro de educação é mais fraco nos estudos da língua inglesa, apesar de haver excelentes professores que buscam o prazer no ato de ensinar e são comprometidos com o que fazem. Atualmente o Brasil apresenta um futuro promissor para no Ensino da Língua Inglesa, porém existem pesquisadores que discordam disso. De acordo com o autor Ricardo (1988, p.26) em seu livro “Como ensinar e aprender inglês e outras línguas estrangeiras”.

[...] o inglês é geralmente ensinado nas escolas públicas brasileiras ( tardiamente e apenas duas vezes por semana) é pura perda de tempo para os alunos e total desperdício para o Estado. Ou o Inglês é necessário ou é desnecessário e se elimina do currículo.

Diante do exposto, é mais que necessário haver reformulações no ensino para que o inglês seja realmente aprendido de forma significativa.

## **ANÁLISE DOS RESULTADOS**

Todas as análises realizadas em minha turma do curso de Língua Inglesa da UEPB, onde partiu de minha própria vivência a observação das dificuldades dos alunos no decorrer do curso.

Os resultados obtidos ao longo dessa investigação me deixaram bastante inquieto. Perceber que minha turma diminuía o número de alunos de novo cada vez mais rápido, no mínimo promovia insegurança nos demais alunos que até chegaram a falar que talvez não terminassem o curso também.

O fato de uma turma iniciar o curso composta por 43 alunos e atualmente esse número caiu para 14 deles é um dado bastante preocupante porque durante todo o processo de investigação desse trabalho, fui realizando anotações sobre os discursos produzidos pelos alunos que falavam quase sempre do mesmo modo afirmando que não conseguem continuar porque têm muitas dificuldades com a língua inglesa e tem consciência que os professores não estão ali para ensinar o inglês, mas, a estrutura e normativas da língua inglesa, sendo que para isso, o aluno que é inserido no curso já teve ter o domínio da oralidade e escrita essenciais do idioma.

Também é importante destacar a indignação por parte dos alunos em optar no ENEM por cursar o inglês e não haver nenhuma informação que para ser estudante desse curso deve no mínimo conhecer o básico da língua e por isso, muitos desistem antes de completar um ano de curso.

## **CONCLUSÃO**

Todo processo de aquisição de uma língua estrangeira em especial em inglês, tem seus sistemas complexos que demanda muito dos investigadores, essa busca de clareza entre aprender uma língua e a pessoa.

Fazer uso de tudo que auxilie o aprendizado, é muito importante, dentre elas, o tempo. Os professores utilizam as narrativas da aprendizagem e todo material que precisam para o desenvolvimento do aprendiz. Aprendi também que toda utilização de material como jornais, revistas, conversar com outros aprendizes, auxiliam na aquisição da língua.

Uma outra forma que os professores encontram para a motivação dos alunos são as estratégias cognitivas, buscando junto ao alunado as necessidades ao longo da aprendizagem oportunizando o contexto social buscando outras informações que se dispões para serem inserido na sala de aula.

Consequentemente esses resultados me levaram a concluir que muitos alunos tiveram sucesso por que foram conduzidos por um conjunto de estratégias sociais e cognitivas, que levaram alguns alunos aprender com mais facilidade a língua inglesa, e ao mesmo tempo, colocá-la em ação em posição real em sua vida profissional.

Ainda seria muito interessante se houvesse uma reformulação nas informações dadas aos que vão prestar o Exame para ingressas na universidade explicando que os interessados em estudá-la devem saber como utilizá-la.

Esperamos que esse relato de experiência instigue a todos os interessados no assunto a procurarem novos trabalhos e informações que ampliem o conhecimento já adquirido através deste.

## **REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS:**

ANDREWES, Stephen. **CLIL: Content and Language Integrated Learning**. Modern English Teacher – Met. January 2006. 15, n. 1. 49-52. London: Pearson Education.

BROWN, J. D. & RODGERS, T. S. **Doing second language research**. Oxford: Oxford University Press, 2002.

CHOMSKY, Noam. **Linguagem e pensamento**. Petrópolis: Ed. Vozes, 1971.

LARSEN-FREEMAN, D. **Techniques and principles for language teaching**. 2nd ed. Oxford: Oxford University Press, 2000

MENEZES, V. **Multimedia language learning histories**. In: KALAJA, P.; MENEZES, V. & BARCELOS, A. M. F. (eds.) Narratives of learning and teaching EFL. Houndsmills: Palgrave Macmillan, 2008. p. 199-213.

OXFORD, R.L. **Language Learning Strategies: What Every Teacher Should Know**. Boston: Heinle & Heinle, 1990.

PAIVA, V. L. M. O. **O ensino de língua estrangeira e a questão da autonomia**. In: LIMA, D.C. (org.). *Ensino e aprendizagem de língua inglesa: conversas com especialistas*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009. p. 31-38.

RICARDO, José. **Como ensinar e aprender inglês e outras línguas estrangeiras**. São Paulo: Editora Finl, 1988.

Richards, J.C, & Rodgers, T.S. **Abordagens e métodos de ensino de línguas** (2ª ed.). Cambridge: Cambridge University Press.2001